

## Aula 1

### Grupo I

- 1) E, C, C, C, C, C, C, E
- 2) b
- 3) C, E, E, E, C, E, C, E
- 4) C, C, C, E, C, C, C, C, E

### Grupo II

- 1) E, C, C, E, C, E, C, E, E
- 2) a
- 3) Espera-se que o aluno discorra sobre o dualismo que caracteriza a Modernidade e que comente algo sobre o particularismo das diferenças e o particularismo das relações pessoais e estabeleça a relação entre particularismo e universalismo.

## Aula 2

### Grupo I

- 1) 1. E; 2. E; 3. C; 4. E; 5. E.
- 2) c
- 3) d
- 4) e
- 5) a

### Grupo II

- 1) d
- 2) c
- 3) c
- 4) e
- 5) d
- 6) d
- 7) d

## Aula 3

### Grupo I

- 1) d
- 2) C, C, C, C, E
- 3) E, C, C, E, C
- 4) E, C, E, C, E, C

### Grupo II

- 1) C, E, E, C, E
- 2) C, E, E, E, E
- 3) d

## Aula 4

### Grupo I

- 1) b
- 2) b
- 3) c
- 4) d
- 5) d

### Grupo II

- 1) d
- 2) e
- 3) d
- 4) c
- 5) a

## Aula 5

### Grupo I

- 1) C, C, C, C, E, E
- 2) C, C, C, C, C
- 3) E, C, C, C, E, C
- 4) a
- 5) b

### Grupo II

- 1) E, C, C, C, C, C, C, C, C
- 2) c
- 3) E, C, E, C, E, E, C
- 4) c
- 5) Questão discursiva pessoal.

## Aula 6

### Grupo I

- 1)
  - a) As três expressões remetem o leitor à idéia de futuro, de sonho, de expectativa, de desligamento do real e do imediato.
  - b) O apostrofo ao qual a questão se refere é “o camponês”. Enquanto o primeiro avô, Leone, era astrônomo e fazia que os olhos do narrador se voltassem para o céu, o outro avô, Vincenzo, por ser um camponês, trazia os olhos (a atenção) da neta de volta para a terra. Há, portanto, uma antítese entre sonho e realidade.
- 2)
  - a) Tanto o pronome de tratamento Vossa Excelência, quanto o substantivo aparte são termos típicos do meio político, sobretudo das sessões plenárias das diversas câmaras legislativas (municipal, estadual e federal) e do Senado.
  - b) A expressão um aparte significa uma interpelação que provoca interrupção do discurso do interpelado. Outra possível leitura é uma parte, ou seja, um pedaço e, levando-se em conta o contexto, uma propina.
  - c) “Ratos” conotam pessoas que vivem no submundo, desonestas, sujas, ladras. A tira remete o leitor às falcatruas dos políticos (“ratos”) que pedem “um aparte” (“uma parte”) do queijo, sugerindo uma participação no “bolo” da corrupção. Assim, a linguagem, que caracteriza um modo formal de tratamento, passa a ter um sentido irônico, conotando “ratos” a dividirem o produto de seu roubo.
- 3)
  - a) O período é composto por paralelismo em que a estrutura repetitiva é “sabia que”. Ironicamente, a estrutura faz alusão à suposta ignorância do presidente Lula sobre a

corrupção em seu governo.

b) Idéia de intensidade: Getúlio sabia muito, conseqüentemente preparou a carta-testamento.

Valor de afirmação: Getúlio sabia realmente (de fato), assim preparou a carta-testamento.

Sentido de quantidade: Getúlio sabia tanto caso (tantas coisas), que preparou a carta-testamento.

4)

a) O sofrimento e o riso.

b) Diante do cão, os passantes parecem condoídos com aquele quadro de sofrimento (como se deduz da penúltima estrofe) e, ao mesmo tempo, parecem experimentar algum tipo de prazer (como supõe o eu lírico na última estrofe).

c) Há pelo menos duas possibilidades de leitura. Primeiro, o “prazer” dos passantes consistiria em não estar na mesma situação do cão ou, ainda, no alívio (até mesmo inconsciente) de não ser atingido por aquele sofrimento. Segundo, pode-se pensar que o título de Machado é enganoso, pois ele estaria subvertendo, ironicamente, o seu sentido original, mostrando não o alívio ou a indiferença do homem diante do sofrimento.

5)

a) Garcia amava secretamente a esposa de Fortunato. Quando a moça faleceu, diante de seu cadáver, ele não pôde conter a emoção e se traiu, revelando seu grande segredo ao marido que contemplava a cena.

b) A repetição do adjetivo longa, que vem antecedido dos advérbios muito e deliciosamente, tem a finalidade de estabelecer uma gradação que reforça a característica do personagem Fortunato: a contemplação da dor do próximo lhe causara imenso prazer.

c) Tanto no poema como no conto, há a referência ao prazer que o homem sente diante da dor do outro.

### Grupo II

1) a

2)

a) “Meus versos”.

b) O eu lírico espera que as crianças se interessem por seus versos e, ao mesmo tempo, que elas não os compreendam; portanto, que seus versos preservem a magia de um enigma permanente.

c) Ele espera que a poesia cumpra sua função lúdica e estimule, nas crianças, o despertar do lirismo, e até mesmo o poeta que pode existir em cada uma delas, o que metaforicamente é sugerido pelo título do poema, “Ignição”.

3) E, E, C, E, E

4) E, C, E, C, E

## Aula 7

### Grupo I

1) C, E, E, C, E, C, C, E, C

2) b

3) C, C, E, C, C, C

4) c

### Grupo II

1) E, E, E, E, C, C, E

2) C, E, E, C, E, E, E

3) d

4) d

## Aula 8

### Grupo I

1) a

2) c

3) c

4) a

5) a

### Grupo II

1)

a) TEXTO I “As mudanças foram muito modestas”, Evânildo Bechara

1. Era necessária uma reforma em que a maneira de grafar as palavras ajudasse as pessoas a pronunciá-las corretamente.

2. Hoje com a rede escolar, com o rádio, com a televisão é diferente. Esses meios de comunicação ajudam mais na difusão da pronúncia correta do que a ortografia.

3. Basta ver que há casos em que as pessoas pronunciam a palavra de um jeito diferente do indicado pela grafia.

TEXTO 2 “Nó górdio é a vaidade e a pequenez”, Ângela Dutra de Menezes

1. As diferentes versões do nosso idioma não anulam a realidade de sua unidade.

2. Ou assumimos as diferenças que nos aproximam ou continuaremos alimentando nossa triste vocação para o nada.

3. Acredito que leio e, desde criança, leio os autores portugueses no “original”. Hoje, faço o mesmo com escritores angolanos e moçambicanos e, se tropeço em uma palavra, enriqueço o meu vocabulário com leve toque no teclado do computador: um dicionário eletrônico esclarece minha dúvida.

b) Tony Beloto reconhece a importância de mudanças na ortografia por entender que a língua é um organismo vivo. Quanto ao seu trabalho, tais mudanças não interferem, sobretudo porque ele trabalha com a reprodução da fala.

2)

a) O chargista atualiza determinadas informações presentes na memória popular e, através da pontuação, desconstrói o título do livro “Ali Babá e os quarenta ladrões” e traz para o presente uma leitura crítica da realidade que o cerca. Ao desconstruir o título, produz uma outra frase em que o substantivo próprio “Ali” passa a advérbio de lugar “ali” e Babá funciona como o vocativo; a continuação da fala de natureza exclamativa sugere que naquele espaço se encontram quarenta ladrões.

b) O jogo lingüístico se centraliza na ausência/presença do artigo: “de glória” aponta para um sentido ligado a poder (em busca de glória) e “da glória” indica o interesse do personagem de encontrar uma garota que se chama Glória. Tal interpretação é ratificada pelo segundo quadro descritivo/narrativo: “é uma garota que conheci na última vez em que estive lá”.

3) d

4) e

5) b